

**“ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO!”:
REGISTROS (AUTO)BIOGRÁFICOS (DE)MARCADOS EM MEU CORPO**

*ET 25 - Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas Pedagógicas
Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas Outras da Revolta*

Wilker Ramos-Soares¹

RESUMO

A frase que dá título a este texto é parte da música *Sujeito de Sorte*, composta por Belchior no ano de 1976. Retomo aqui sua fala e preciso dizer, Belchior tinha razão. Ano passado nos mataram, nos anos anteriores também. O machismo, a misoginia, o racismo, a lgbtqfobia, a pressão estética, vem nos matando ano após anos. Para a construção desse texto-narrativa, optei pela percepção de Escrivência de Conceição Evaristo (2021) deixando minha pele, sangue e corpo também expostos ao longo dessas páginas. *Girar o olhar* para nossas próprias feridas e escancarar nossas dores, rasgar nossa pele e nos deixar sangrar nas escadarias da ‘academia’, é ato de coragem, mas também é um ato de resistência que pode ser uma perspectiva promissora para interrompermos esse ciclo de violência, dor e morte instaurados na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Gênero; Identidade; Escrivência.

PARA COMEÇAR, ALGUMAS (DES)CONSIDERAÇÕES

Em 2019 eu estava finalizando a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Licenciatura em Letras. Para aquele trabalho (RAMOS-SOARES, 2019) eu escrevi um prólogo em que narrei algumas experiências que tive com o meu corpo na escola e demais espaços que transitei. Mas, não tinha noção naquela época de como mexeria em feridas que ainda estavam abertas, muito menos do quanto de sangue escorreria em meu corpo depois disso. De lá para cá eu retorno nessas feridas e escrevo sobre elas em um processo de tentar me curar enquanto denuncio os episódios de violência a que meu corpo foi submetido socialmente.

Por isso, a frase que dá título a este texto é parte da música *Sujeito de Sorte*, composta por Belchior no ano de 1976, num álbum chamado *Alucinação*. E retomo aqui sua fala e preciso dizer, Belchior tinha razão. Ano passado nos mataram, nos anos anteriores também. O machismo, a misoginia, o racismo, a lgbtqfobia, a pressão

¹ Mestrando em Linguagem e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e graduado em Licenciatura plena em Letras Português/Inglês pela mesma instituição. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: w.rsp@outlook.com.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

estética/gordofobia, vem nos matando ano após anos. Desvelarmos essas mazelas, nos responsabilizarmos de nossos privilégios, tal como tomarmos consciência de nossas dissidências, é uma perspectiva promissora para interrompermos esse ciclo de violência, dor e morte.

Esse é o objetivo deste texto, uma escrivência no esforço de buscar a cura por meio da *revolta*. A seguir me desloco para os (des)caminhares autoetnográficos que auxiliaram na construção dessas (auto)percepções presentes neste texto.

(DES)CAMINHARES AUTOETNOGRÁFICO: UM ATO DE CORAGEM

O sentir não é científico. O viver não é científico. Adentrar a caixa limitante e limitadora dos estudos acadêmicos é constantemente me perguntar o quanto de mim cabe em meus textos, em meus estudos. Quanto de nós é cortado e deixado pelo meio do caminho para se efetivar o que se cobra do rigor científico. Essa régua de controle do que é ciência é perversa e opressora. O resultado disso é uma gigantesca quantidade de trabalhos escritos por corpos de homens, cis, brancos, héteros, magros, de classe social abastada e sem deficiência espalhados na acadêmia construindo a noção do que é *ou não* ciência e do que é *ou não* ser pesquisador/a. Ética científica é ignorar minhas dores e feridas em prol de um estudo higienizado, puro e completo. As discussões presentes neste resumo expandido vão, sem dúvida, na contramão disso. As incoerências, falhas e limitações que estão presentes em meu corpo, em uma constante – e não finita – busca identitária em devir, está registrada também nas páginas que seguem.

Ao reivindicar o meu direito de falar e me posicionar no mundo, preciso reconhecer as relações de privilégios que também estão presentes em meu corpo e me responsabilizar sobre as ações que são possíveis através disso ao tensionar as relações de poder que constrói o nosso entendimento de sociedade. Me entendendo como uma pessoa não binária, mas meu corpo é lido como ‘homem’ e gozo desses privilégios, da mesma forma como não sou branco, porém tenho a pele clara. Na falha tentativa de me (des)localizar no mundo, percebo-me na arena da dissidência: “Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês”, como nos disse Paul Beatriz Preciado (2020, p. 26) na introdução do seu livro “Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia”. Ao mesmo tempo que entendo que

minhas dissidências não anulam os meus privilégios, meus privilégios não anulam as minhas dissidências. Por isso, para fins epistêmicos-teóricos-políticos, posiciono-me na sociedade ‘brasileira’ como uma pessoa não-binária, não-hétero, não-branco, gordo e afeminado. É nessa arena complexa, falha e contraditória que sigo com as discussões nas páginas seguintes.

Partindo do princípio que precisamos ‘acordar’ com a academia e com a ciência algumas relações linguístico-performáticas para ser compreendido, e que rasgar minha pele e mostrar minhas feridas não seria suficiente para ser entendido, construo a estética deste texto partindo da ideia de “*escrevivência*” de Conceição Evaristo (2020). Porém, ao dizer isso, preciso realçar que a autora nunca teve a intenção de ‘conceituar’ ou ‘metodologizar’ uma experiência corpórea-vivencial, mas seus ensinamentos sobre *escreviver* tem sido uma potente ponte de diálogo com a academia.

Dito isso, para o percurso de des(re)construção deste texto, optei por dar destaque a minha narrativa e aos relatos de atravessamentos violentos que meu corpo foi passando ao longo dos anos como uma tomada de consciência política de como me percebo no/com o mundo. Acredito que (des)caminhar por esses lugares me proporcionar uma (auto)crítica e uma (auto)problematização importante enquanto educador linguístico se propondo um trabalho crítico, pois “tornar consciente a multiplicidade do eu existente nas narrativas pessoais nos possibilita des/re-construir produções de sentidos” em prol da construção de uma forma *outra* de ver/viver no mundo (GOTTARDI, 2021).

Sendo assim, no tópico seguinte, desvelo os rastros, feridas e marcas presentes em meu corpo divididos em três momentos sensíveis e cruciais para a minha construção identitária.

REGISTROS (AUTO)BIOGRÁFICOS: RASTROS, FERIDAS E MARCAS PRESENTES EM MEU CORPO

Em uma – de tantas – vivências corpóreas que tive na academia eu li uma fala de Catherine Walsh em que dizia que percebe a pedagogia decolonial como “práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver” (WALSH, 2013, p. 19). Então, quando eu (re)volto a esse texto, escrito inicialmente em 2019 em formato de ‘prólogo’, um elemento extratextual em caráter ‘opcional’ para aquele gênero

acadêmico (TCC), eu me pergunto que maneiras *outras* são essas de “ser, estar, pensar, saber, existir e viver” nesse mundo em que caminhe na contramão da sociedade dor e violência que vivemos atualmente?

Para tanto, separei este tópico em três momentos muito significativos e simbólicos para minha construção enquanto *sujeito*. A seguir, apresento alguns lampejos dos meus registros autobiográficos (de)marcados em meu corpo.

“Somos pessoas de confiança”: Uma infância (in)feliz

Passei alguns anos da minha infância sendo uma criança muito magra, por muitas vezes causando preocupação dos meus pais. Nessa época, aconselhado por familiares, meus pais me levaram a médicos/as que me passaram diversas soluções milagrosas para ganhar peso. Ainda assim, fiquei até meus 5-7 anos sendo muito magro. Porém, meu biotipo não é de alguém magro, então, com o tempo, ganhei peso. Me tornei um pré-adolescente “obeso”, e nesse momento meu corpo virou novamente alvo de atenção e preocupação. Nessa época, como muitas/os, passei por restrição alimentar por indicação médica.

Em prol da minha “saúde”, em plena fase de crescimento, tinha porções de comidas montadas para me limitar apenas àquela quantidade, que, muitas vezes, me deixava com uma fome absurda. Durante esse processo, fui vigiado para que não comesse mais do que deveria e da “melhor” forma possível. Meu estômago doía constantemente e nunca me sentia totalmente livre da fome. Mesmo que não entendesse o porquê, isso nunca me deixou mal, parecia cuidado, sempre tive um pai e uma mãe muito amorosas.

Porém, a fome era real e junto, também, os (auto)julgamentos. Eu assistia desenhos, filmes e programas infantis e percebia que as crianças gordas eram sempre alvo de chacotas, piadas e humilhações. Nessa época, só conseguia pensar que não queria ser *aquela* criança. Eu olhava para minha barriga com nojo, dava socos, empurrava contra a parede, beliscava e chorava. Eu comecei, nesse momento, a odiar profundamente meu corpo!

Até que, juntamente a isso, passei por diversas situações de bullying na escola – um dos lugares mais tóxicos para meu corpo transitar (RAMOS-SOARES, 2021). Nesse espaço, era um corpo gordo, gay, afeminado, *nerd* e antissocial, excluído do

convívio coletivo e passando por chacotas e humilhações frequentes, pelos demais alunas/os/es, docentes e coordenadoras/es da escola durante todo o Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio (RAMOS-SOARES, 2021).

Meu corpo, meu *jeito* e minha postura sempre foi alvo de questionamentos, julgamentos e opiniões das/os professoras/es e coordenação. Quando não eram comentários gordofóbicos, eram posturas homofóbicas disfarçadas de preocupação. Em dessas ocasiões, minha mãe foi chamada na escola pois as coordenadoras estavam preocupadas pelo fato de eu ter apenas amigas com meninas, e que isso poderia causar problemas pra família no futuro, insinuando questões voltadas para gênero e sexualidade. Não se comportar como ‘homem’, não jogar futebol como ‘homem’, não ter uma voz de ‘homem’, não ter a postura de um ‘homem’ se tornou uma grande questão. E, a imagem negativa de não ser ‘homem’ surge antes mesmo do meu entendimento da minha sexualidade e as performances de gênero do meu corpo.

Fui caminhando para um lugar de me tornar cada vez mais diferente do que deveria/tinha que ser e me desestabilizando no processo. Nesse “torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca”, como bem salienta Erving Goffman (1988, p. 6).

Mas, “era só uma fase que passaria”, algo que ouvi constantemente nesses muitos momentos de (auto)descobertas. A seguir, alguns lampejos sobre esse outro registro autobiográfico.

“É só uma fase, vai passar”: des(re)territorializações identitárias

Eu nunca me entendi como uma pessoa ‘heterossexual’ ou ‘homossexual’. Não havia esse repertório enquanto a florava sentimentos em meu corpo. Em dado momento eu percebi que me sentia atraído por menino, em que até aquela altura só pensei que fosse possível sentir por meninas, dado ao “gênero” atribuído-me no nascimento. Pois “[n]essa arena de disputas de poder, antes mesmo de nascermos, na “descoberta” do sexo do bebê pela ultrassonografia, há um roteiro impregnado pela lógica que já prevê o quem aquela pessoa deverá ser” (RAMOS-SOARES, DA SILVA, GOTTARDI, 2022, p. 37).

Com isso, nessa tentativa de padronizar a existência antes mesmo do

nascimento, [às] categoria são entendidas como homogêneas” e projetadas “no imaginário coletivo [que] reverbera nas práticas sociais” (RAMOS-SOARES, DA SILVA, GOTTARDI, 2022, p. 38). Somos basicamente projetadas/os/es para fracassar, porque é humanamente impossível alguém conseguir atender tudo que já é desenhado e projetado antes mesmo de nascermos. Como ser, então, se não havia repertório suficiente para tal percepção?

Mas, ‘descobriram’ minha sexualidade antes mesmo de se quer eu saber como me posicionava no mundo. Por causa de gestos, posicionamentos e atitudes, deduziram e, assim, (de)marcaram no meu corpo e minha ‘orientação sexual’. Mas, a ‘decisão’ veio de uma afirmação – que inicialmente parecia ingênua: “você, é gay, gosta de meninos”. Foi assim que assumi uma sexualidade e com ela uma série de rótulos e estereótipos. Segui acreditando e “bancando” essa nova identidade e justificando essa atitude, em muitos momentos, como uma forma de *resistência*. Acho que o ativismo na minha vida chegou nesse momento. Samilo Takara (2020, p. 237) reflete sobre esse processo em um de seus textos, nas palavras do autor, “os corpos, as representações e os modos de ser e agir são, ao mesmo tempo, produtos e possibilidades de resistência”, e que “[s]er é em relação e, desse modo, nossas ações precisam e alargam as estruturas previamente estabelecidas pela normatividade [...]. A vida escapa, enfrenta, esgueira, produz sentidos”.

Banquei essa identidade durante um tempo e fui atravessado por diversas violências no processo. Mas, a vida escapa, enfrenta, esgueira, produz sentidos, e os questionamentos surgem nessas produções de sentido. Da família, da escola e da/na rua foram espaços violentos para meu corpo, agora gay, afeminado e gordo transitar. A vida sexual iniciando, violências vindas de todos os lados. Na universidade começo a questionar meu gênero. Ali eu percebo que, na verdade, talvez meu questionamento nunca teve a ver com sexualidade e, na verdade, o gênero me “atribuído” no nascimento.

Essa representação colonial de gênero configura-se em duas únicas categorias possíveis homem e mulher, interpretadas como homogêneas. Logo, tudo que vivesse em uma arena não-homogêneo é descartado, marginalizado e demonizado. A lógica da modernidade/colonialidade oculta, invisibiliza e marginaliza a diversidade humana por excluir “do seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambiguidade e as formas de

vida concretas” (CASTRO-GOMEZ, 2005, p. 80). Logo, não ser homem ou mulher é se encontrar na arena no *não existir socialmente*.

Ao me perceber como uma pessoa que não transitava nem pelo *masculino*, nem pelo *feminino*, me localizou em uma outra área de dissidência. Pensar nessa dissidência é refletir sobre aqueles corpos cujo performatividade emanam atributos que podem produzir vergonha, abjeção, estigma, agressão, exclusão, discriminação e morte no contexto social. Esse poder é “uma disputa entre corpos que portam experiências sociais e trajetórias culturais diversas, e cujo reconhecimento é fundamental para [a possibilidade de um] diálogo [outro]” (JÚNIOR; SEFFNER, 2021, p. 233). Encontrar respiro enquanto é violentado por todos os lugares nem sempre é uma tarefa fácil. Mas, as correntes de ativismo e militância, uma gigante rede de apoio e acolhimento, muitas vezes, é o lugar possível de se respirar.

No subtópico a seguir eu faço um lampejo sobre o meu (des)encontro essas correntes de ativismo e militância e a importância disso para a minha (sobre)vivência.

“Cuidado com essa galera radical”: (Sobre)Viver o ativismo e a militância

Em um de seus textos, Boaventura de Souza Santos (2009, p. 41) faz uma reflexão interessantes sobre as resistências políticas precisarem ter como postulado a resistência epistêmica, pois do contrário “ficamos com a ideia de que, a menos que se defronte com uma resistência ativa, o pensamento abissal continuará a autorreproduzir-se, por mais excludentes que sejam as práticas que origina”. Por isso, acredito que as formas de resistência que “reinvestem de significado e transformam as formas dominantes de conhecimento do ponto de vista da racionalidade não-eurocêntrica das subjetividades subalternas, pensadas a partir de uma epistemologia de fronteira” (GROSFOGUEL, 2009, p. 405), são recursos para olharmos de forma mais sensível para os corpos que ocupam a arena da dissidência.

Foi assim que o ativismo e a militância se apresentaram pra mim. Ter acesso a repertórios e corpos *outros*, com vivências e atravessamentos diversos, senti – acredito que pela primeira vez – que talvez não estivesse nada errado comigo e com meu corpo, mas principalmente que não estava sozinho. Quando compreendi que os discursos e as práticas, tanto as de reprodução, quanto resistência se dão via linguagem, percebi que é por meio da língua(gem) que também tomamos consciência dos problemas estruturais e estruturantes em nossa sociedade. Foi com a galera ‘radical’ que percebi, pela primeira

vez, que estava contribuindo para um sistema ao me violentar ao longo do meu processo de vivência com meu corpo. Foi nesse momento que interrompi um ciclo de ódio pelo meu corpo e iniciei um auto acolhimento, porque *se amar é um ato revolucionário* (GURGEL, 2018).

Por isso, acredito que discutir e problematizar performances discursivas de discursos hegemônicos/coloniais sobre corpos que vivem nessa área da dissidência pode ser uma forma de transgressão e um modo de interromper o processo de violências psicológicas, físicas e simbólicas a que são submetidas essas pessoas diariamente.

(Re)Voltar (n)essa feridas é um processo de cura, de (auto)percepção corpórea, mas também de libertação de um sistema de opressão, violência e morte. Revisitar feridas e antigas dores não é fácil, e nem quero romantizar esse processo. Mas, também é um intenso e poderoso processo de (auto)cura. Este texto, ainda que sem a necessidade de teorizar ou conceituar, caminha nas reflexões acerca de que os discursos essencializados reduzem a percepção sobre quem somos e tolhem a autoria de nossas próprias histórias. Por isso, penso neste estudo como uma forma de pessoas visualizarem além do repertório conhecido (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019), repertório esse amplamente presente nos discursos e nas práticas educacionais.

ANO PASSADO ME MATARAM, MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO: SÓ MAIS ALGUMAS (POUCAS) PALAVRAS

Girar o olhar para nossas próprias feridas e escancarar nossas dores, rasgar nossa pele e nos deixar sangrar nas escadarias da ‘academia’, é um ato de coragem, mas é também um ato de resistência. Ao longo deste texto, tal como outro trecho da música de Belchior que dá título a este resumo expandido, deixei vazar que *tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro*, para dizer que ano passado me mataram, mas esse ano eu morro.

Uma forma possível de descentralizar o discurso hegemônico/colonial e, conseqüentemente desierarquizar performances corporais, é ampliar os repertórios de (re)existências trabalhando de forma horizontalizada as vivências de corpos diversos. Privar alguns corpos de certos espaços/lugares sociais e científicos é, também, silenciar suas vozes e apagar suas identidades. Discutir sobre acessibilidade, sobre segurança, sobre qualidade de vida, sobre liberdade de expressão, sobre direitos sobre o próprio corpo são coisas inescapáveis se tratando de uma sociedade fundada na colonialidade

que historicamente funcionou a partir de padrões de poder fundados na exclusão, negação e subordinação.

Espero que este texto, as reflexões presentes nele e os mo(vi)mentos de rasgos de pele e derramamento de sangue, possam ser uma forma, ainda que sutil, de proporcionar reflexões sobre quem somos e quem podemos/queremos ser para além dessa lógica de poder que aprisiona, encaixota, silencia e mata.

REFERÊNCIAS

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *A colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005b, p. 80-94.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. (org.). *Escrivivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

GURGEL, Alexandra. *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

GOTTARDI, Letícia. *Os nós do meu quipu: des/re-territorializações identitárias em um estudo autoetnográfico de formação docente*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2021GURGEL, 2018

JÚNIOR, Edson Mendes; SEFFNER, Fernando. Conexões entre sexualidade e deficiência são desafios para pensar uma escola diversa e inclusiva. *Revista de Estudos Interdisciplinares*. v. 2, n. 1, 2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da.; FABRÍCIO, Branca Fabrício. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópico*, v. 17, n. 4, 2019, p. 711-723.

PRECIADO, Paul. Introdução. In: PRECIADO, Paul (Org.) *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. 1a ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 19-42, 2020.

RAMOS-SOARES, Wilker. *Onde estão os corpos gordos? Um levantamento de estudos na Linguística Aplicada*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

RAMOS-SOARES, Wilker. 'A escola foi o lugar mais tóxico para meu corpo transitar': autoetnografia de um corpo gordo na escola. In: II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS, 2021, *Saberes e fazeres linguísticos, literários e interculturais em tempos digitais*, v. 2, Goiás, 2021. p. 1-15.

RAMOS-SOARES, Wilker; DA SILVA, Vanessa Correia; GOTTARDI, Letícia. Drag Queen Pablllo Vittar como “O Homem do Ano”: representações de mo(vi)mentos de (re)existências. *Revista de Comunicação Dialógica*, Rio de Janeiro, n. 7, 2022, p. 30-52.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

SOUSA SANTOS, Boaventura. Direitos humanos: o desafio da interculturalidade.

Revista Direitos Humanos, v.1 n.2, 2009, p. 10-18.

TAKARA, Samilo. Você já se sentiu odiado hoje? Pedagogias culturais do ódio acerca das desobediências da normalidade. *BAGOAS: REVISTA DE ESTUDOS GAYS*, v. 13, 2020, p. 225-263.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.